

O trauma nas narrativas do Tribunal de Nuremberg - de 1945 ao Tempo Presente

Ana Maria Dietrich *



Monumento às vítimas do Holocausto. Berlim (Alemanha), 2005.

Fonte: <http://prosimetron.blogspot.com/2009/03/berlim-inaugura-monumento-em-memoria.html> Acesso em 1/4/2009

Resumo: Temos como reflexão inicial as narrativas de oficiais nazistas acusados de crimes de guerra. Pretendemos analisar elementos que as tornam específicas do momento histórico que foram geradas, em 1945, nos meses que antecederam o Tribunal de Nuremberg. Estenderemos o recorte cronológico ao Tempo Presente, atentos a produção mediática e intelectual. Concluímos que os acontecimentos da II Guerra Mundial tem grande repercussão na atualidade.

Abstract: We have an initial reflection about the narratives of officials Nazi who were offenders of war crimes. We intend to analyze the elements whom become specific of the historical moment that they have been elaborated, in 1945, before the months the court of Nuremberg. We'll extend the chronologic until the present Time, attentive about the media and intellectual production. We conclude that the happenings about II World have great repercussion nowadays.

Esta pesquisa tem como objetivo trabalhar com narrativas orais de pessoas ligadas ao nazismo e residentes no Brasil durante as décadas de 1930 e 1940 e as entrevistas já

* Doutora em História Social - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. Coordenadora do Núcleo de Estudos da Contemporaneidade - NEPCON

realizadas pelo psiquiatra Leon Goldensohn durante o Tribunal de Nuremberg com os prisioneiros de guerra acusados de nazismo e que se encontram publicadas¹. Efetuando um caminho do micro para o macro ao confrontar tais narrativas com documentos do Ministério das Relações Exteriores de Berlim com vistas a entender como tais relações se refletiram na política externa brasileira e alemã.

Analisando-se as narrativas de oficiais nazistas acusados de crimes de guerra no Tribunal de Nuremberg (1945-46) realizadas pelo psiquiatra Leon Goldensohn e publicadas no livro *As Entrevistas Nuremberg* (GOLDENSOHN, L., 2005), podemos perceber diversos elementos que as tornam específicas de seu momento histórico, ou seja, no imediato pós-guerra europeu. O Tribunal se realizou na cidade de Nuremberg, que se encontrava destruída por bombardeios inimigos. Foi escolhida essa cidade do sul da Alemanha, pois ela havia sido sede do Congresso Nacional do Partido Nazista, realizado anualmente, evento que foi imortalizado nas telas de cinema no filme *O Triunfo da Vontade* (Leni Riefenstahl, 1934). Como mostrado no filme, os congressos eram celebrados com todo aparato de simbologia do III Reich, desfiles de bandeiras nazistas, archotes de fogo, discursos dos oficiais militares e do próprio Hitler, marchas e cantos militares. Nenhum lugar simbolizaria a vitória dos aliados mais do que essa cidade.

Em algumas das entrevistas os prisioneiros expressam o sentimento de derrotados, principalmente e deixam claro o sentimento de injustiça por estarem sendo julgados pelas nações vencedoras e inimigas no conflito. Como variáveis constantes em seus discursos encontra-se: “estávamos cumprindo ordens”, quase sempre vinculada a versão de que só Hitler sabia da solução final que decidiria em meados de 1941 pelo extermínio dos judeus. Em alguns casos, como o vice de Führer, Hermann Göering, que declarou que nem mesmo Führer sabia das atrocidades, mas somente o comandante da SS Heinrich Himmler, responsável direto por tudo que acontecia nos campos de concentração nazistas.

Eu não sabia nada a esse respeito. Como disse Hoess diante do tribunal, aquilo era mantido em segredo. Mal consigo acreditar naquilo – os números eram muitos altos. Não consigo entender. Não consigo acreditar que Hitler soubesse daquilo. Claro que bastava o que aconteceu – mas que os números pudessem ser tão grandes não consigo imaginar. Claro que havia rumores na época, mas nunca acreditei neles. Pessoas como Hoess e Himmler e o pessoal subalterno da SS que cumpria essas ordens deviam ter conhecimento daquilo, mas mesmo assim não consigo entender. Como eles puderam fazer tal coisa está além de minha compreensão (Ibidem, p. 155).

¹ LEON, Goldensohn, *As entrevistas de Nuremberg*. São Paulo: Cia da Letras, 2005.

Argumentos como esse, de que não se sabia sobre os crimes e atrocidades perpetrados pelo III Reich, são objetos de discussão até hoje na Alemanha atual. Mesmo com todo o processo de desnazificação que a Alemanha passou após a II Guerra, e tendo seu território sido dividido entre os países vencedores, argumentos assim ainda hoje são comuns e servem até como um indício do que chamamos de indigestão dos fenômenos ligados ao nazismo na atualidade. A partir da derrubada do Muro de Berlim em 1989 e posterior reunificação da Alemanha, as discussões ligadas a variáveis como de quem foi a culpa dos crimes nazistas e processos de vitimização, dizendo que também os alemães forma vítimas da II Guerra, tornaram-se frequentes dentro do cotidiano alemão e europeu trazendo a volta da efervescência do debate sobre o tema. A produção mediática e intelectual também pode ser vista como indicativa de como tal memória está viva, sendo constantemente elaborada e reelaborada, não só na Alemanha, mas em todos os países ocidentais que tiveram alguma ligação com a II Grande Guerra, como é o caso do Brasil.

Com base nesses elementos iniciais, aprofundaremos a análise da lógica interna das narrativas – observando aspectos verbais e não-verbais com o intuito de antever elementos para a construção de uma memória coletiva, segundo o conceito de Maurice Halbwachs (1990), observando em paralelo se é possível afirmar que houve a ocorrência de um trauma social ainda não totalmente digerido na sociedade contemporânea.

Em outras narrativas organizadas no ano de 2003, foram observadas repetições de idéias ligadas ao universo familiar e comunitário, que são trazidas a tona sob o argumento de se construir e legitimar um desejado perfil humanístico do acusado, como se essa rememoração e o simples fato de narrar tivessem o poder de absolver os crimes do passado ou servissem como uma catarse psicológica, com objetivos terapêuticos, de se curar os traumas e se livrar de estigmas históricos.

Nós morávamos em Ipanema, não muito longe da praia. Eu sei que meus pais sempre tinham convidados, profissionais e artistas, que vinham ao Brasil fazer uma turnê e ficavam conosco como convidados. Meu pai era competente com arte e cultura. Ele visitava colônias e escolas alemãs. Era certamente muito interessante para mim, eu era pequena para entender tudo (...). O que eu mais sei é que em 1936 nós fomos para a Alemanha ficar meio ano. Nós tivemos, mais ou menos, meio ano de férias na Pátria.

Eu ainda não tinha três anos, eu faria três. Me lembro da viagem de navio. É uma lembrança muito antiga. Nós fomos para Berlim e, mais tarde, para a casa de nossos avós, os pais de minha mãe. Nós fomos para Hamburgo também²

² Entrevista de Jutta Cossel, filha de Hans Henning von Cossel, para Ana Maria Dietrich. Hamburgo (Alemanha), 27 nov. 2003. Citado por DIETRICH, A. M, Nazismo Tropical, o partido nazista no Brasil. São Paulo: FFLCH, 2007

A colaboradora em questão Jutta, filha de Hans Henning von Cossel, chefe nacional do partido nazista no Brasil na década de 30, enfatiza os aspectos “positivos” da vida do pai e tenta construir no lugar da imagem do algoz nazista, um herói, um homem culto, que gostava de artes e cultura, visitava a comunidade e tinha hábitos saudáveis como nadar na praia de Ipanema no Rio de Janeiro junto às suas filhas.

Assim, preocupa-se nesse trabalho com o conceito de *Memória dos Algozes*, ou seja, em um primeiro momento, definida como a memória daqueles que perpetraram as ações consideradas crimes de guerra e crimes contra a humanidade. Problematisa-se, no entanto, o conceito de algoz, que será construído no decorrer do desenvolvimento do presente trabalho, não com vistas a negar nenhum acontecimento ligado ao nazismo, mas sim, de verificar como tais pessoas estigmatizadas como algozes se vêem nas narrativas. Quem são os algozes do ponto de vista das testemunhas, vítimas e dos próprios acusados?

Como acontecimentos do Tempo Presente como a queda do muro e conseqüente abertura de arquivos políticos da ex-Alemanha Oriental, movimentos neonazistas e produção de literatura especializada e de extensa filmografia sobre o tema (de origem alemã e não mais hollywoodiana), podem incentivar e modificar a reelaboração da memória de tais pessoas sobre os acontecimentos ligados ao nazismo?

Ouvir o “outro lado” (DIETRICH, 2007) não significa, de nenhuma maneira, acatar seu ponto de vista. Neste sentido, somente uma postura profissional e de distanciamento da parte do pesquisador não é suficiente, mesmo que totalmente necessária. Faz-se também importante o desenvolvimento de uma nova abordagem metodológica, uma vez que a temática envolve não só a importância histórica, mas também precisa ser amparada em argumentos de fundo ético e de defesa de direitos humanos. Se algum colaborador chegar a negar o holocausto, por exemplo, será necessário ao pesquisador mostrar-lhe a sua postura de antagonismo e deixar claro que essa opinião será veiculada publicamente, na direção de Meihy que afirma que toda a história oral é pública e tem seu fim, somente na publicação. (MEIHY, 2005).

Do lado da recuperação da memória das vítimas do regime nazista, o recolhimento sistemático de depoimentos é muito anterior e já possui metodologias e análises mais amadurecidas. Principalmente a partir dos anos 1960, foram várias as tentativas de recuperação da memória das vítimas do holocausto com o recolhimento de depoimentos e também ações memorialistas como a criação de museus, centros de pesquisa e documentação e monumentos. Nesta mesma direção, em alguns campos de concentração, como no caso de

Dachau, no Sul da Alemanha, foram montados centros de preservação à memória tornando-se possível hoje, se visitar *in loco*, locais onde milhões de vítimas (judeus, homossexuais e ciganos) foram exterminadas em nome da ideologia do regime nazista da pureza da raça.

A foto que abre esse artigo é do Memorial de Berlim em memória dos judeus mortos e que foi inaugurado em 2005. “Concebido pelo arquitecto Peter Eisenman, o monumento é como uma floresta de 2711 blocos de betão antracite, que ocupa uma área de 19 mil metros quadrados [como um estádio de futebol] entre a Porta de Brandeburgo e o Reichstag, a dois passos do bunker onde Adolf Hitler se suicidou a 30 de Abril de 1945. Impossível encontrar localização mais simbólica. (...)”, escreve Helena Ferro de Gouvêia de Frankfurt³. O depoimento de Wolfgang Thierse, **presidente do Parlamento (Bundestag)** enfatiza a **suposta posição democrática do governo alemão a respeito dos acontecimentos ligados ao holocausto**. “Não existe nenhum recalçamento do crime que faz parte da identidade alemã. Distantes, com uma precisão prussiana, 95 centímetros uns dos outros, os pilares não permitem que duas pessoas caminhem lado a lado no interior do monumento lado a lado. O objectivo é levar o visitante a avançar sozinho, a experimentar **“o que significa a solidão, a impotência, o desespero”**.(ibidem). O depoimento desse político alemão mostra uma preocupação da sociedade alemã de assumir sua culpa através da reelaboração da memória.

Michael Pollack, ao se referir às vítimas do Holocausto, afirmou que: “Em face desta lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança “comprometedora”, preferem, elas também, guardar silêncio”. (POLLAK, Michael. 1989). Ele continua o raciocínio afirmando que para se falar deve-se ser ouvido. O esforço mundial de reconstrução do pós-guerra apagou esta escuta, fadando-os ao silêncio. O mesmo pode-se dizer das pessoas que vivenciaram o trauma de guerra. A dificuldade de falar sobre o assunto, além de trazer à tona lembranças incômodas, está ligado à falta de escuta, de ser punido por aquilo que se diz ou ser exposto à vergonha. “A estas razões políticas do silêncio, acrescentam-se aquelas pessoas, que consistem em querer poupar os filhos de crescer na lembrança das feridas dos pais” (Ibidem). Deve-se esquecer para se continuar a viver.

Depois do fim da Guerra Fria e queda do Muro de Berlim, configurou-se um cenário efervescente de produção cultural, historiográfica e memorialista relacionada ao nazismo, com a abertura de diversos arquivos, em especial aqueles que ficavam localizados na

³ <http://prosimetron.blogspot.com/2009/03/berlim-inaugura-monumento-em-memoria.html>

República Democrática Alemã (Alemanha Oriental). Nesse contexto, aumentou-se a preocupação de investigar a visão dos chamados perpetradores de tais crimes. Foi marcante, dentro da indústria cultural, a exibição do filme “A Queda! As Últimas Horas de Hitler” (2003), de Oliver Hirschbiegel, que mostrou um lado “humanizado” do ditador alemão Adolf Hitler e a publicação, na França, do livro *As Benevolentes* (Objetiva, 2007), de Jonathan Littell, uma história fictícia de um carrasco alemão. Nesta mesma direção, encontra-se a polêmica em torno do escritor alemão Günther Grass, um importante representante do Teatro do Absurdo, que, após ter ganhado o Prêmio Nobel de Literatura em 1999, declarou ter participado da Juventude Hitlerista e ter lutado na Waffen-SS durante a II Guerra. Publicações sobre a memória de pessoas ligadas diretamente ao grande *staff* nazista, como a Secretária de Hitler, Traudl Junge, trazem novas visões sobre o ditador alemão (sobre isso ver DIETRICH, **Memória dos Algozes**, Anais da ANPUH 2008).

Para fundamentar o que aqui chamamos de “memória dos algozes”, partimos das reflexões de Hannah Arendt sobre a banalidade do mal. Segundo ela, o nazismo tem seu foco na transformação humana de indivíduos a partir do impacto desta ideologia. A seu ver, o indivíduo, por estar desarticulado politicamente, se tornaria atomizado. Após a destruição de todos os seus laços com a sociedade, comunidade e família que o circundam, tornaria-se desprovido de identidade, como se fosse apenas um número na massa. Por ser facilmente manobrável, seria capaz de *perpetrar* as piores atrocidades.

Do ponto de vista das relações internacionais, observaremos, tomando como fonte o entrecruzamento das narrativas orais e de documentos do Ministério das Relações Exteriores - Berlim, as gerências e ingerências da relação entre o estadista brasileiro Getúlio Vargas e o ditador alemão Adolf Hitler, buscando entender as relações entre o Brasil e os países do Eixo, principalmente com a Alemanha nos anos de guerra e os eventuais afastamentos e aproximações. Nesse sentido, busca-se também observar as imagens e mitos presentes nas narrativas orais sobre tais relações, principalmente no que tange à entrada do Brasil na II Guerra ao lado dos aliados, questão geralmente abordada em entrevistas anteriormente realizadas⁴.

Refletiremos sobre a extensa e variada produção memorialística atual ligada aos eventos de guerra como monumentos arquitetônicos, projetos que envolvem entrevistas de História Oral com sobreviventes do extermínio e refugiados do nazismo, elaboração de novas propostas museográficas revitalizando espaços anteriormente ocupados por campos de

⁴ Ver: DIETRICH, A. M, 2007 (1), op. Cit.

concentração, difusão de literatura especializada de caráter científico e ficcional, produções cinematográficas sobre a temática e reflexões feitas pela Imprensa e academia sobre os direitos de minorias, intolerância e preconceito tanto no Brasil quanto na Alemanha.

Nesse sentido, observaremos se os eventos ligados à tal passado influenciaram uma política de governo na Alemanha, suscitando diversas medidas tanto no passado como no presente como o asilo político garantido pela Lei Fundamental estabelecida no pós-guerra⁵, pagamento de indenizações e julgamento de crimes da Alemanha nazista por tribunais jurídicos constituídos nas últimas décadas. Com relação a essa produção de caráter mediático e memorialístico mais especificamente “alemã”, observaremos se se apresentam tendências de vitimização do povo alemão ou tentativas de se elaborar uma “outra história”, onde o povo alemão, por ter tido cidades bombardeadas e mortes de civis inocentes também se configura como vítima.

Com vistas a entender tal memória, traumática ou não, da II Guerra reelaborada no tempo presente, elaboramos um balanço dos eventos do imediato pós-guerra que tiveram relação direta com o conflito e que marcar as reelaborações da memória sobre o nazismo, entre os quais cumpre citar o estabelecimento do Tribunal de Nuremberg, os processos de desnazificação, estabelecimento da Organização das Nações Unidas pelas nações vencedoras, a elaboração da Declaração dos Direitos Humanos, a redemocratização da Europa e diversos países da América Latina, a implementação do Plano Marshall e a concessão de empréstimos para a reconstrução econômica alemã que culminou no chamado “Milagre Alemão”. Observaremos se há influências desses acontecimentos relacionados ao pós-guerra na elaboração das narrativas, como por exemplo, o processo de desnazificação, a constituição de campos de concentração para criminosos de guerra nazista e a preocupação da construção de “lugares de memória” (NORA, P., 1993) como museus, monumentos, etc. por parte da sociedade alemã.

Essa configuração foi especial para entendermos como, durante o período da Guerra Fria, foi criada a figura estigmatizada do nazista enquanto algoz. Na nossa visão, houve uma espécie de “ruptura” em tal processo com a Queda do Muro de Berlim, reunificação da Alemanha e fim da Guerra Fria e como isso vem sendo reformulado a partir de representações-apropriações do tempo presente.

Nossas redes de entrevista são formadas por grupos diferenciados: marinheiros do navio Windhuk, que se tornaram prisioneiros de guerra no Brasil, ex-integrantes do partido

⁵ <http://www.magazine-deutschland.de/pt/artikel-po/artigo/article/analyse-zuwanderung-und-integration-in-deutschland.html>

nazista e organizações partidárias como a Juventude Hitlerista, alemães comuns que moravam no Brasil na época, diplomatas alemães e brasileiros, brasileiros que tem experiências sobre o período que o Brasil se encontrava neutro ou beligerante, alemães que reimigraram para a Alemanha e suas experiências sobre o processo migratório. Também serão analisados depoimentos de judeus que chegaram ao Brasil como exilados e de outras minorias que sofreram atrocidades a partir da política racial implementada pelo governo nazista e escolheram o Brasil como refúgio, apesar desse último grupo não ser objeto de atenção prioritário em função de diversos estudos já desenvolvidos sobre a temática⁶. As entrevistas do Tribunal de Nuremberg servirão para efeito comparativo de como foi elaborada a memória sobre o movimento nazista na atualidade e no imediato pós-guerra.

Levando em conta reflexões recentes do historiador alemão Alexander von Plato⁷, concluímos que a variável “trauma” gerou grande influência na performance das entrevistas. A partir da análise das narrativas, verifica-se diferentes tendências de como foi (re)construída a memória dos anos de guerra hoje e no imediato pós-guerra e como os traumas interferem em tal elaboração, encontrando indícios que explicitem tal fenômeno, que segundo os estudos de Plato passam por variáveis como repetições, esquecimentos, super-dimensionamentos e culpabilização das vítimas. Analisaremos possíveis juízos de valores presentes nas narrativas e averiguando se houve uma construção de uma *memória coletiva* segundo conceito de Halbwachs, na qual se configura uma elaboração da categoria de algozes na contemporaneidade associada ao movimento do nazismo, que pode variar entre os diversos grupos que viveram o fenômeno (testemunhas oculares, parentes dos algozes, vítimas, cidadãos comuns que viveram no Brasil ou Alemanha).

Referências Bibliográficas

AARÃO, Daniel, FERREIRA, Jorge e ZENHA, Celeste. O século XX (vol. 1, 2 e 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo, anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____, *Eichmann em Jerusalem*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

BENZ, Wolfgang; GRAML, Hermann; WEIß, Hermann (Org.). *Enzyklopädie des Nationalsozialismus*. 4ª edição. Munique: DTV, 2001.

_____. *Überleben im Dritten Reich*.

⁶ MEIHY, J.C.S. (prefácio). *Passagem para a América: relatos da imigração Judaica em São Paulo*. São Paulo, 2003. CARNEIRO, M.L.T. *Brasil: um refúgio nos trópicos*. São Paulo: Liberdade, 1998.

⁷ PLATO, Alexander von. Competição entre vítimas. *História Oral: desafios para o século XXI*. Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti (orgs.) Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade- lembranças de velhos*. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CANETTI, Elias. *Massa e Poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARNEIRO, M.L.T. *Brasil: um refúgio nos trópicos*. São Paulo: Liberdade, 1998.

COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. São Paulo: Xamã / Depto. História / FFLCH/USP, 1995.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Memória da barbárie – a história do genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Edusp / Nova Stella, 1990.

DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. São Paulo: FFLCH / NEHO/ USP, 2007 (Tese de Doutorado em História Social) (1)

_____. *Caça às suásticas: o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. Imprensa Oficial, FAPESP, Humanitas, 2007. (2)

_____ et al., *Alemanha*. São Paulo: IMESP, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

HALBWACHS, Maurice, *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. São Paulo; Cia da Letras, 1995.

LAMBERT, Ângela. *A história perdida de Eva Braun*. São Paulo: Globo, 2007.

LEON, Goldensohn, *As entrevistas de Nuremberg*. São Paulo: Cia da Letras, 2005.

KOSMALA, Beate et all. *Verbotene Hilfe*. Zürich: Verlag Pestalozzian, 2003.

LEVI, Primo, *Se isto é um homem*, Editora Rocco, Rio de Janeiro 2000.

MEIHY, J.C.S. (prefácio). *Passagem para a América: relatos da imigração Judaica em São Paulo*. São Paulo, 2003.

_____, *Manual de História Oral* (5ª Ed.). São Paulo: Loyola, 2005.

NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

PLATO, Alexander von. Traumas na Alemanha. *História Oral: desafios para o século XXI*. Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti (orgs.) Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

_____. Competição entre vítimas. *História Oral: desafios para o século XXI*. Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti (orgs.) Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento e silêncio”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, nr. 3, 1989.

SADER, Emir. *O mundo depois da queda*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

SERENY, Gitta, *O trauma alemão. Experiências e reflexões 1938-2000*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SOUKI, Nádia. *Hannah Arendt e a banalidade do mal*. Belo Horizonte: Editora da UFMF, 1995.

WELZER, Harald et all. *Opa war kein nazi. Nationalsozialismus und Holocaust im Familiengedächtnis*. Frankfurt am Main (Alemanha): Fischen Taschenbuch Verlag, 2001.